

LITERATURA SURDA: UMA ABORDAGEM LINGUÍSTICO-LITERÁRIA

DOI: 10.47677/gluks.v23i2.386

Recebido: 10/06/2023

Aprovado: 09/11/2023

MAK, Jessica Kwan Wah ¹
VERNIANO, Marina Izar ²

RESUMO: A literatura surda é recente e ainda é um tema pouco explorado em âmbito acadêmico. Com o intuito de contribuir com as discussões já existentes acerca dela (KARNOPP, 2006, 2008, 2010; NICHOLS, 2016; QUADROS, 1999, 2004, 2019), este trabalho tem como objetivo apresentar possibilidades de produção literária destinadas à comunidade surda através de um viés linguístico-literário. A partir da revisão bibliográfica de produções acadêmicas acerca da literatura surda e de produções sobre os benefícios cognitivos do desenvolvimento de duas línguas (FINGER; BRENTANO; FONTES, 2018; MARCELINO, 2017; DEHAENE, 2009; 2021), bem como da leitura de clássicos da Literatura Infantil Surda (LIS) e da Literatura Surda Adulta, propomos neste artigo, em concordância com Karnopp (2008), que as produções literárias surdas escritas em *SignWriting* (versão escrita de línguas de sinais) e em língua portuguesa podem trazer diversos benefícios à comunidade surda, uma vez que estas proporcionam o contato com a língua portuguesa na modalidade escrita e com a libras, gerando benefícios cognitivos ao desenvolvimento dos surdos, e maiores interações entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte.

PALAVRAS-CHAVE: Libras, Literatura surda, Literatura surda infantil, Educação bilíngue, *SignWriting*.

Introdução

Quando se fala sobre *produção literária*, inúmeras possibilidades vêm à mente, ora pela amplitude do conceito, ora pelas diversas características que podemos atribuir a ele. A produção literária, de modo geral, pode ser dividida em diversos aspectos, como gênero literário ou

¹ Professora bilíngue na rede particular da cidade de São Paulo. Mestra em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: jessica.kwan@unifesp.br

² Professora substituta no Departamento de Letras na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestra em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: mverniano@unifesp.br

textual, tema ou conteúdo que será abordado, idade ou comunidade a qual se destina, língua em que a obra é escrita, etc. Essa grande variedade se dá pela amplitude do conceito de *literatura*, que aqui será definida à luz de Candido (2004, p. 147) como:

[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

Tal definição foi escolhida pela amplitude que ela dá ao termo, a qual será necessária para este trabalho, que visa discorrer sobre um tipo de produção literária específico, recente e que, por vezes, pode ser considerado como uma produção em estado de formação: a produção literária destinada à comunidade surda.

A partir da concepção de literatura de Candido (2004), consideraremos a *literatura surda* (doravante LS) como uma produção destinada à comunidade surda, e tomaremos como base a definição de Karnopp (2006, p. 102)

[...] literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo linguístico e cultural diferente.

É com base nessa definição que este artigo visa contextualizar o leitor acerca da surdez e, conseqüentemente, das possibilidades de produção literária destinadas a essa comunidade através de uma abordagem linguístico-literária. Nesse sentido, sugere-se alguns questionamentos a respeito do tema: Em qual idioma uma obra literária para surdos deve ser escrita? A LS seria escrita ou sinalizada? Há produções voltadas a crianças e a adultos surdos? Ou subentende-se que os adultos, em teoria, seriam alfabetizados em língua portuguesa (LP), e não precisam de produções específicas?

Este artigo divide-se em 4 partes: esta introdução; a seção 2, que apresenta uma breve contextualização da libras e da alfabetização e letramento de surdos; a seção 3, que contém a definição aprofundada de LS, e está dividida em duas subseções: 3.1 com considerações sobre a Literatura Infantil Surda (LIS); e 3.2 com considerações sobre a LS destinada a adultos; por

fim, a conclusão, na qual são feitas algumas considerações sobre possíveis caminhos nessa nova área.

Libras e educação bilíngue

Skliar (2016) afirma que há contrastes binários na educação dos surdos, pois eles estão sempre lidando com as oposições normalidade/anormalidade, maioria/minoria, saúde/patologia, ouvinte/surdo, oralidade/gestualidade e, acreditamos que esses contrastes se estendem ao analisarmos a temática da literatura surda, tanto em questões linguísticas quanto literárias. Entendemos que os surdos sinalizantes que utilizam a libras devem ser vistos como uma comunidade que se comunica por uma língua visual-gestual, e que a sua comunicação por uma língua de sinais representa a sua cultura, mas principalmente a sua voz. Aqui, o indivíduo surdo não deve ser visto apenas numa perspectiva fisiológica, por vezes chamada de deficiente auditivo, mas sim como uma comunidade linguística. Nesta seção, buscaremos discorrer brevemente acerca da libras, e contextualizar a educação dos surdos no Brasil, visando definir a surdez, não como patologia, mas como característica do indivíduo surdo, e explicitando uma característica inerente à comunidade surda: o bilinguismo (Karnopp, 2008).

Língua Brasileira de Sinais e *Sign Writing*

Conforme mencionado na introdução desta seção, os surdos sinalizantes em libras pertencem a uma comunidade que se comunica por uma língua visual-gestual que, no Brasil, é a libras – reconhecida como língua em 24 de abril de 2002³, pela Lei n.º 10.436. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), diferentemente do que muitos pensam, as línguas de sinais não são uma versão sinalizada de línguas orais, pois além de possuírem estruturas próprias, como Léxico e Gramática, apresentam variação linguística, adaptam-se a diferentes comunidades e transformam-se dia após dia, tal qual qualquer língua natural.

Tratando-se de seus aspectos linguísticos e gramaticais, a libras apresenta cinco parâmetros que auxiliam na organização da língua, chamados de fonemas da língua brasileira

³ Apesar de reconhecida como língua, a libras, ainda hoje, não é considerada uma língua oficial no Brasil, o que gera uma série de problemas à comunidade surda, os quais não serão abordados neste artigo.

de sinais: 1) Configuração de mão (CM), que representa a forma/formato que a mão deve assumir na realização do sinal; 2) Ponto de articulação (PA) representa o local onde o sinal é realizado, podendo ser no corpo ou no espaço neutro; 3) Movimento (M), que, de acordo com Ferreira-Brito (1990), pode ser classificado em quatro categorias: tipo, direcionalidade, maneira e frequência; o tipo de movimento pode distinguir itens lexicais, como nomes e verbos; 4) Orientação da mão (Or) "[...] é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal" (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59); e 5) Expressões não manuais (ENM), as quais desempenham um papel fundamental na libras, começando pelo fato de distinguirem uma sentença afirmativa de uma interrogativa por meio da expressão facial. Além disso, as ENM podem também mostrar a intensidade de alguns sinais como DOR, MEDO e TRISTE (OLIVEIRA; SILVA, 2014, p. 16). Esses cinco parâmetros, quando combinados, formam os sinais na língua.

Paralelamente, assim como as línguas orais apresentam formas escritas, a libras também é representada na escrita, mas não através do alfabeto romano, como a LP. Existem quatro formas de representação gráfica das línguas de sinais; neste trabalho, entretanto, discorreremos acerca de uma delas: o *SignWriting*⁴, criado em 1974 pela dançarina norte-americana Valerie Sutton com o intuito de registrar as suas danças. Tal formato de escrita chamou a atenção de pesquisadores da língua de sinais dinamarquesa e, de acordo com os registros de Sutton (1974), os pesquisadores criaram um sistema de escrita de língua de sinais na Dinamarca. O *SignWriting* não é o primeiro sistema de escrita para línguas gesto-visuais, contudo, é o primeiro a representar de maneira adequada algumas características como os parâmetros citados anteriormente: a postura do sinalizador, a expressão facial, utilizando-se de frases curtas e longas. De acordo com Quadros (1999), em um Simpósio Nacional em Pesquisa e Ensino da Língua de Sinais realizado na década de 80, Sutton apresentou uma forma de analisar qualquer língua de sinais, sem passar pela tradução da língua falada e, a partir disso, ele desenvolveu-se, até compreender mais a LS e ser capaz de escrevê-la pelo computador.

4 Há outros sistemas de escrita das línguas de sinais. Neste trabalho, entretanto, abordaremos apenas o *SignWriting*, uma vez que as obras analisadas foram escritas neste sistema, e pelo fato de o *SignWriting* possibilitar publicações na língua de sinais em livros, revistas, dicionários e diversos tipos de literatura, além de viabilizar o ensino de sinais, gramática da língua, e pode se tornar um instrumento de aprendizado para iniciantes nas línguas de sinais, conforme Silva *et al.* (2018). Para o conhecimento de outros sistemas de escritas de línguas de sinais, ver Silva *et al.* (2018).

Conforme apresentado no *website libras.com.br*⁵ e pesquisadores dessa forma de escrita (STUMPF, 2005; WANDERLEY, 2012), o *SignWriting* utiliza-se de conjuntos de símbolos, e cada um desses pode representar as mãos, o movimento, dinâmica, tempo, cabeça, rosto, tronco ou membro e quando combinados, formando-se um determinado sinal, como pode ser observado na Figura 1:

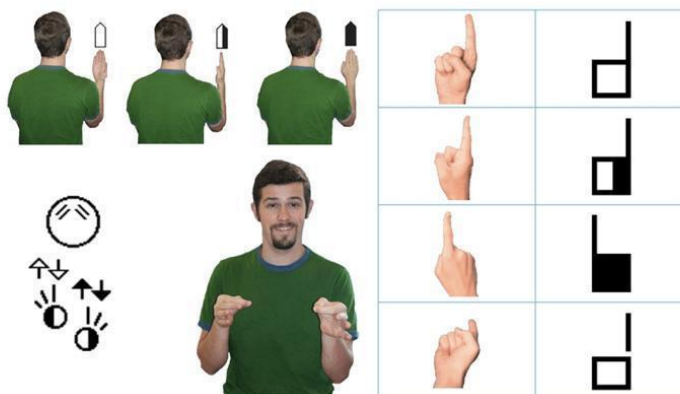


Figura 1: Escrita em *SignWriting* baseada nos padrões na palma da mão e dedos.

Disponível em: <https://www.libras.com.br/>. Acesso em 3 jun. 2023.

Esse sistema de escrita consegue expressar de forma eficiente os cinco parâmetros e os classificadores (CL⁶) em qualquer língua de sinais. Entendemos que a escrita ideal a ser adotada na LS é aquela que deve respeitar todas as especificidades de sua cultura e, principalmente, da língua. A princípio, o *SignWriting* parece ser o método que contempla da melhor maneira as especificidades das línguas de sinais.

Contudo, sabemos que um livro escrito em *SignWriting* possui alguns limites (STUMPF, 2005), mesmo sendo um sistema utilizado para efetuar um registro em língua de sinais, não significa que todo surdo saiba ler *SignWriting*, e um dos motivos é o fato de esse sistema não fazer parte do currículo escolar. A partir do momento em que o *SignWriting* fizer parte do currículo, haverá um público mais abrangente que conhece o sistema e portanto, provavelmente, uma possibilidade de adesão maior de livros nessa modalidade escrita.

⁵ Esse *website* funciona como um *blog*, onde possui diversos conteúdos relacionados à libras, como jogos, matérias, artigos e materiais de estudos. Alguns materiais estão disponíveis para serem baixados, e outros estão à venda.

⁶ “O conceito de classificador diz respeito aos diferentes modos como um sinal é produzido, dependendo das propriedades físicas específicas do referente que ele representa.” (Capovilla *et al*, 2017, p. 33)

Alfabetização de surdos: de monolíngues a bilíngues

Conforme exposto na seção anterior, a Lei n.º 10.436 reconheceu a libras como meio de comunicação legal. Para além disso, ela determinou a obrigatoriedade da alfabetização em LP a todos os cidadãos surdos, conforme exposto em seu artigo 4º: "Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa." Essa determinação garante direitos de cidadania aos surdos e, de certa forma, torna-os indivíduos bilíngues, por se comunicarem em língua de sinais e por serem alfabetizados em LP.

De acordo com Marcelino (2009), o termo *bilinguismo* pode gerar confusão por poder se referir a diferentes situações, desde cargos em empregos (como um secretário executivo bilíngue), até indivíduos que falam duas línguas. Considerando este último ponto, o autor enfatiza o fato de poder haver confusão, pois há autores como Haugen (1969) que consideram o indivíduo bilíngue como aquele que possui a capacidade em produzir sentenças com sentido em duas línguas, mas também há outros, como Bloomfield (1933), que tratam o bilinguismo como a proficiência em duas línguas. Aqui, retomaremos a ideia de Karnopp (2008) de que a comunidade surda, por natureza, vive em um ambiente bilíngue, e consideraremos a importância do bilinguismo tanto pelo desenvolvimento cognitivo (FINGER; BRENTANO; FONTES, 2018; MARCELINO, 2017), quanto pela integração social dos surdos (KARNOPP, 2008).

Considerando o primeiro âmbito, trataremos um indivíduo bilíngue como aquele que possui dois sistemas linguísticos diferentes, os quais, no contexto deste trabalho, são a libras e a LP em sua modalidade escrita. Com relação a esses sistemas, Finger, Brentano e Fontes (2018) à luz de outros estudiosos da área⁷, afirmam que:

Contrário à ideia de que as línguas de um indivíduo bilíngue funcionam cada uma como a língua única de um falante monolíngue, as duas línguas de um falante bilíngue atuam de forma altamente interativa. Tal característica faz com que o processamento de linguagem bilíngue seja diferente do conjunto de dois monolíngues. Por exemplo, existe evidência convincente de que é muito difícil para um bilíngue desligar a língua que não está em uso, e que a ativação paralela das suas línguas pode ser observada durante a leitura, a compreensão oral e o planejamento da fala (FINGER; BRENTANO; FONTES, 2018, p. 205-206)

⁷ Os estudiosos mencionados pelas autoras são: Costa (2005), Dijkstra (2005); Kroll, Bobb e Wodniecka (2006); Marian e Spivey (2003); Schwartz, Kroll e Diaz (2007).

Dessa forma, a aquisição da modalidade escrita da LP é extremamente benéfica aos surdos, pois os proporciona um maior desenvolvimento cerebral, justificado pela existência de dois sistemas linguísticos distintos que interagem entre si. Por conseguinte, o conhecimento da libras facilita a aquisição de LP na modalidade escrita; esta, por sua vez, também interferirá no funcionamento da primeira, seja em momentos de compreensão ou de produção⁸. Para além disso, o número de sinapses de indivíduos bilíngues é maior, se comparado ao de indivíduos monolíngues (DEHAENE, 2009; 2021), corroborando a importância de se ter dois sistemas linguísticos para o desenvolvimento cognitivo dos surdos⁹.

Passando para o âmbito social, Karnopp (2008), ao abordar as produções literárias surdas, afirma que:

As produções culturais de pessoas surdas envolvem, em geral, o uso de uma língua de sinais, o pertencimento a uma comunidade surda e o contato com pessoas ouvintes, sendo que **esse contato linguístico e cultural pode proporcionar uma experiência bilíngue a essa comunidade**. Neste sentido, além da escrita da língua de sinais, a escrita da língua portuguesa, também faz parte do mundo surdo, indispensável aos surdos brasileiros para a escolarização, a defesa dos seus interesses e cidadania. **Pode-se pensar que a escrita pode contribuir para a destruição da riqueza em sinais; mas a escrita, por si só, não é necessariamente um fator contrário, já que pode-se pensar na escrita como a busca por tradução das raízes culturais, associada a outras formas de arte, como teatro e vídeo.**” (KARNOPP, 2008, n.p., grifo nosso)

A citação da autora remete, em primeiro lugar, à importância de integração entre comunidade surda e comunidade ouvinte: a existência de obras escritas em *SignWriting* e em LP viabiliza o contato entre surdos e ouvintes, por exemplo. Karnopp (2008) ainda evidencia que o uso da LP funciona como contribuição da tradução da cultura surda à comunidade ouvinte, e não como uma forma de “destruição” dessa cultura. Além disso, é importante afirmar que o benefício de obras bilíngues não se resume apenas à integração cultural, mas também ao desenvolvimento cerebral, sobre o qual discorreremos anteriormente. Nesse sentido, a alfabetização dos surdos em LP não pode ser negligenciada.

Além disso, conforme proposto por Maia (2007), mesmo que a criança ainda não seja capaz de decodificar a língua escrita, é fundamental que ela vivencie atos de leitura ainda

⁸ Para maiores detalhes sobre a interação entre os sistemas linguísticos de indivíduos bilíngues, referir-se a Slabakova (2016) e Finger, Brentano e Fontes (2018).

⁹ O presente artigo aborda a importância do bilinguismo para os surdos com ênfase na alfabetização. Para maiores detalhes acerca de estudos aquisicionistas e de problemas enfrentados pelos surdos no processo de aquisição de primeira língua, referir-se a Silva (2005), Pizzio e Quadros (2011), Herschensohn (2000) e Slabakova (2016).

pequena. Isso significa que, mesmo que a criança não saiba ler e escrever, ela pode vivenciar o ato numa contação de histórias ou folheando um livro e imaginando a história. Com crianças surdas, isso não seria diferente. Dessa forma, é importante que elas tenham contato com livros e com histórias e que, em meio a esse contato, elas sejam expostas a contações em línguas de sinais e que possam também contar e imaginar histórias em sinais, mesmo que com textos escritos em LP.

Por fim, retomamos aqui o *SignWriting*, abordado na seção anterior, e reforçamos a ideia de que esta modalidade escrita também deve fazer parte da formação de crianças surdas, mesmo antes do processo de alfabetização, dada a importância da forma gráfica antes da formalização da leitura e da escrita. Conforme mencionado anteriormente, essa forma de escrita ainda não é conhecida por todos os surdos no Brasil, mas é uma forma capaz de representar as línguas de sinais, conseqüentemente, ela também deve ser utilizada no processo de alfabetização de surdos,

As publicações na escrita dos sinais (*Sign Writing*) têm sido uma inovação na tradição de contar e recontar histórias e, por outro lado, divulgam e imprimem materiais na Libras. No entanto, um dos problemas é a abrangência do público leitor nessa língua[...], já que poucos são usuários desse sistema, mesmo na comunidade de surdos. Essa abrangência tende a ser maior, a partir do momento em que o ensino da escrita da língua de sinais começa a fazer parte do currículo escolar e circular em produções literárias. Nesse sentido, livros de literatura infantil com o texto na escrita dos sinais desempenham um papel fundamental na divulgação dessa língua e dessa tradição escrita. (KARNOPP, 2008, n.p.)

Na próxima seção, discutiremos acerca de produções literárias surdas no Brasil e, antes de nos adentrarmos nelas, firmamos aqui, conforme Karnopp (2008), Finger, Brentano e Fontes (2018) e Marcelino (2017), a ideia de que o ideal tanto em âmbito linguístico/neurológico quanto em âmbito cultural/social, é que as obras de LS sejam produzidas em formatos bilíngües, dados os benefícios que o bilingüismo pode trazer ao indivíduo surdo. Ainda, corroborando as ideias de Karnopp (2008), e sugerimos a produção dessas obras em língua portuguesa e em *SignWriting*, pois conforme a autora afirma "[...] a escrita em *SignWriting* é uma forma potencial de registro da literatura surda, pois possibilita que os textos sejam impressos e que circulem em diferentes tempos e espaços." (2008, n.p.)

Literatura Surda

Definir o que é a LS ou a melhor forma de produzi-la, não é uma tarefa simples. Na introdução, apresentamos uma breve definição de LS proposta por Karnopp (2006), a qual foca, essencialmente, em produções em línguas de sinais, que apresentam a surdez como a presença de algo, não como a falta. Seguindo essa mesma linha, Nichols (2016, p. 52) afirma que “[a] LS tem, então, como principal característica a presença de uma identidade atribuída ao surdo pelo surdo, desprendendo-se daquela imagem atribuída pelo outro (em geral, ouvinte), e assume o desafio da escrita de sua história.” Para além das definições e funções da LS, as quais focam-se essencialmente na representação da comunidade surda, o autor atenta-se ao fato, já abordado anteriormente por Karnopp (2006; 2008; 2010), de que a LS nem sempre esteve materializada.

Diferentemente da literatura voltada à comunidade ouvinte, a LS, segundo Nichols (2016), surgiu através da interação entre surdos, onde havia contação de histórias, fábulas, piadas, etc. Somente ao final do século XX, surgiram os primeiros livros físicos destinados à comunidade surda. Posteriormente, em meio à presença de recursos tecnológicos, esse tipo de produção literária também passou a ser feito em formato de vídeo, com contação de histórias em línguas de sinais. Para fins deste trabalho, entretanto, voltar-nos-emos às produções de LS em livros, as quais, como veremos, são mais escassas, e enfrentam duas grandes dificuldades: (i) o público leitor ao qual elas se destinam; e (ii) a língua ou línguas em que devem ser produzidas.

Levando em consideração o público leitor, a principal destinação da LS é, evidentemente, a comunidade surda, a qual, assim como a comunidade ouvinte, é heterogênea. Há diversas faixas etárias, diferentes necessidades e interesses, conseqüentemente, os livros devem ser escritos seguindo essas perspectivas. Além da comunidade surda, há outros públicos interessados por esse tipo de produção, como pesquisadores da área de línguas de sinais (surdos ou ouvintes), pais ouvintes de crianças surdas, e professores (surdos ou ouvintes) da educação básica, que buscam trazer a inclusão em sala de aula. Dessa forma, a variedade de público da LS não se limita apenas à idade dos leitores, ou aos temas de interesse, como acontece em produções destinadas ao público ouvinte, mas sim à língua em que essas obras serão produzidas, o que nos leva ao segundo aspecto essencial para esse tipo de produção: a língua ou as línguas da LS.

Na seção 2, discorreremos acerca do funcionamento da libras e do fato de que a comunidade surda vive em um ambiente bilíngue, formado pela libras e pela LP no formato escrito. Além disso, discorreremos sobre o funcionamento do *SignWriting*, e sobre a importância do ensino dessa modalidade de escrita aos surdos. Considerando todos os aspectos abordados e o fato de que a LS destina-se a surdos e a ouvintes, acreditamos que as produções da LS devem ser escritas tanto em *SignWriting*, quanto em LP, o que pode ser justificado pelos seguintes aspectos (KARNOPP, 2008; FINGER, BRENTANO E FONTES, 2018; DEHAENE, 2009):

1. Obras bilíngues alcançam um maior número de leitores (surdos e ouvintes);
2. Obras bilíngues aumentam o desenvolvimento cognitivo de surdos, por proporcionarem o contato com as duas línguas;
3. O contato maior com a LP podem facilitar no processo de alfabetização de surdos na LP;
4. A presença do *SignWriting* facilita a contação da história em línguas de sinais;
5. A presença da LP facilita a tradução da cultura surda ao mundo ouvinte.

Após esclarecer a concepção de LS que será utilizada neste trabalho e os dois tópicos essenciais que permeiam essa discussão, abordaremos, nas próximas subseções, algumas produções e discussões em LIS e LS para adultos.

Literatura Infantil Surda (LIS)

A LIS tem se desenvolvido nas últimas décadas com dois vieses principais: o primeiro com publicações que tratam a surdez como um problema; e o segundo com textos que a consideram como característica do indivíduo, que deve ser valorizada (KARNOPP, 2006, 2008, 2010; NICHOLS, 2016). Com a infância firmada como momento crucial no desenvolvimento do homem, houve um aumento expressivo na produção de LIS por volta dos anos 2000 - talvez por isso, há muito mais livros para crianças surdas do que para adultos surdos. Contudo, se comparadas às produções destinadas ao público ouvinte, considerá-las-íamos escassas.

Algumas obras publicadas por volta dos anos 2000 apresentam a surdez como algo característico do indivíduo. O *Feijãozinho surdo*¹⁰, por exemplo, conta a história de um feijão

10 KUCHENBECKER, L.G. **O Feijãozinho Surdo**. Canoas. Editora ULBRA, 2009.
Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2

surdo, filho de pais ouvintes, que recebe o “dom” da língua de sinais. Nessa história, não há tentativa dos pais de oralização, ou da proibição da língua de sinais, mas sim a validação da surdez como característica própria do indivíduo. Entretanto, apesar de ser uma história com a valorização da surdez, é interessante notar que o feijãozinho surdo é único personagem da história que possui braços e mãos para a comunicação em sinais; como aconteceria a comunicação entre ele e seus pais? A ilustração do Feijão Surdo e de sua família, bem como o texto em *SignWriting* e LP podem ser vistas na Figura 2.



Figura 2: O Feijãozinho surdo (KUCHENBECKER, 2009)

Outras publicações do mesmo período, como *A família, sol, lá, si*¹¹ e *Óculos de ouvido*¹² vão em direção oposta à obra anterior, pois, apesar de apresentarem algumas características positivas em relação à surdez, não deixam de tratá-la através de um viés clínico. Em ambas as histórias, os personagens surdos recebem um implante coclear¹³ que, apesar de não os tornarem ouvintes, aproxima-os do mundo ouvinte. Na segunda história, entretanto, a autora apresenta o início da escolarização de José, personagem surdo, e o mostra inserido em uma escola onde há outras crianças surdas e que se comunicam em libras; entretanto, todas elas são implantadas.

11 HONORA, M. A *família sol, lá, si*. São Paulo. Ciranda Cultural, 2011.

12 PAULA, L, S, B. *Óculos de ouvido*. São Paulo. Editora RHJ, 2009.

13 “O implante coclear, popularmente conhecido como ouvido biônico, é um dispositivo implantável de alta complexidade tecnológica, que é utilizado para restaurar a função da audição nos pacientes portadores de deficiência auditiva profunda que não se beneficiam do uso de aparelhos auditivos convencionais.” (UFES. Implante coclear. Disponível em: <<https://implantecoclear.ufes.br/implante-coclear>>. Acesso em 28 mai. 2023.

Considerando as características estruturais dessas obras, devemos considerar as línguas utilizadas em suas construções e as ilustrações. Com relação à linguagem utilizada, apenas *Feijãozinho Surdo* é escrito em LP e *SignWriting*, além de possuir um DVD com interpretação da história em libras, diferentemente dos outros dois livros que foram escritos apenas em português. Quanto às ilustrações, é importante notar que, para os surdos, as ilustrações fazem parte do processo de compreensão da história, e isso se dá por dois fatores: (i) eles se comunicam através de uma língua visual-gestual, conseqüentemente, são mais visuais que ouvintes, por exemplo; (ii) as expressões faciais fazem parte da gramática da libras, conforme exposto na seção 2, contribuindo para o sentido e compreensão da língua. Ao analisarmos os três livros, *Óculos de ouvido* e *A família, sol, lá, si* não apresentam ilustrações expressivas, que façam parte da contação ou da compreensão da história, diferentemente do feijãozinho surdo.

Além das produções literárias citadas, há, no Brasil, algumas releituras de contos clássicos infantis que foram escritos em *SignWriting* e em LP, como os livros *Cinderela Surda*¹⁴ e *Rapunzel Surda*¹⁵. Por serem edições bilíngues, já podemos considerá-las como obras acessíveis e ideais para surdos e ouvintes. Além disso, essas histórias apresentam personagens ouvintes e personagens surdos (como característica do indivíduo, não patologia), o que reflete a realidade do surdo no Brasil, imerso em um ambiente bilíngue. Entretanto, segundo Karnopp (2008), o que há de mais importante nelas é a representatividade dos surdos que, pelas primeiras vezes, são inseridos em histórias clássicas como personagens principais - em *Cinderela Surda*, a personagem principal perde sua luva, e não um sapatinho de cristal, o que representa a necessidade de comunicação com as mãos. Com relação às ilustrações, ambas as obras são extremamente expressivas - as personagens mudam de expressão e de feição de acordo com os acontecimentos da história, o que contribui para o processo de compreensão de surdos.

Outros dois livros que seguem essa mesma linha são *Adão e Eva*¹⁶ e *Patinho Surdo*¹⁷, os quais, apesar de estarem escritos apenas em LP, apresentam a identidade e cultura surda como parte essencial dos personagens, além de mostrarem o preconceito e as dificuldades enfrentadas pela comunidade surda, pois o patinho surdo só é aceito quando entra em contato

14 SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. **Cinderela Surda**. Canoas: Editora ULBRA, 2003

15 SILVEIRA, C. H.; ROSA, F. **Rapunzel Surda**. Canoas: Editora ULBRA, 2003

16 KARNOPP, L.; ROSA, F. **Adão e Eva**. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

17 KARNOPP, L.; ROSA, F. **Patinho Surdo**. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

com a família de patos surdos. Algo a ser notado nessas duas obras é que as suas ilustrações mostram os personagens se comunicando em língua de sinais, mas as imagens são muito poluídas além de apresentarem um glossário com os sinais que aparecem no conto apenas no final do livro, que pode acabar desestimulando a leitura, cada vez que a criança precisar buscar um sinal no glossário.

A editora Ciranda Cultura lançou em 2010 uma Coleção intitulada como *Contos Clássicos em Libras*¹⁸, no qual encontram-se Chapéuzinho Vermelho, Patinho Feio, Pinóquio, Os três porquinhos, A Pequena Sereia, Cinderela, a Bela Adormecida, Branca de Neve e A Bela e a Fera. Apesar de acompanharem um DVD com a contação da história em libras, os livros foram escritos em LP, e cada palavra escrita é acompanhada de um desenho que representa o sinal dessa palavra na libras. O grande problema dessa representação não está apenas no fato de que ela não vem seguida da descrição do sinal, tal como em dicionários, mas principalmente no fato de que ela segue a ordem sintática da LP, não da libras. Conseqüentemente, os livros carecem da gramática da libras, e podemos considerá-los como uma tentativa de português sinalizado, ou seja, a tentativa de traduzir o português para libras sem considerar a estrutura e a gramática da língua brasileira de sinais. A forma escrita dessa coleção, bem como as expressões faciais, podem ser vistas na Figura 3.

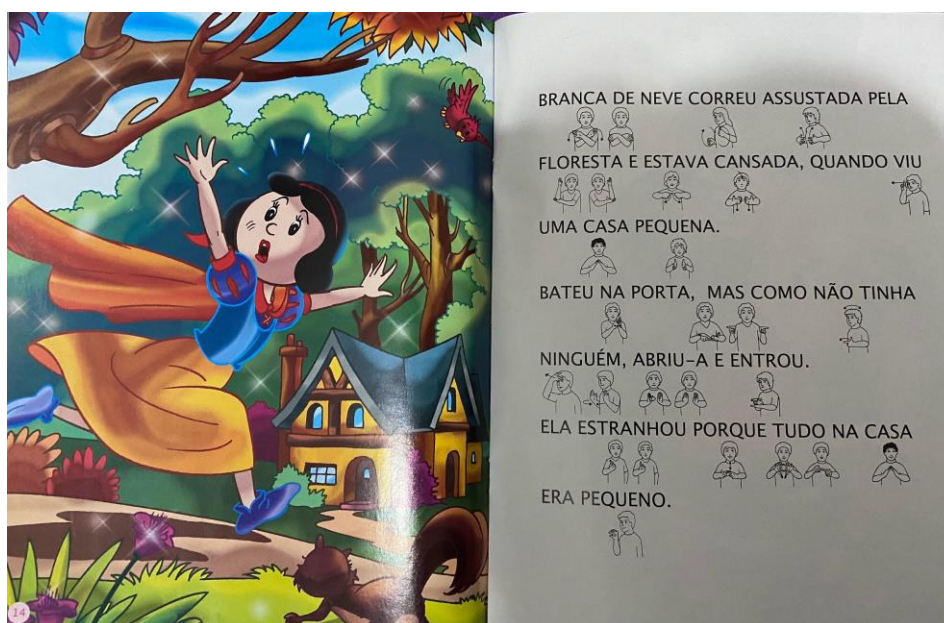


Figura 3: Contos clássicos - A Branca de Neve (HONORA; FRIZANCO, 2010, p. 14-15)

18 HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Coleção contos clássicos em libras**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

Ainda, pela Ciranda Cultural, há uma coleção de seis livros com as mesmas características, chamada *Pedacinho do Céu*¹⁹. Essa coleção também possui um DVD com a contação das histórias em libras, mas não há nenhum tipo de adaptação textual ou transcrição da língua de sinais. Além disso, ambas as coleções da Ciranda Cultural acompanham, além do DVD, um CD-ROM com alguns jogos e cantigas, mas não possuem interpretação em libras, há apenas os áudios que nos fazem questionar qual a utilidade deste último material para os surdos. Portanto, entendemos que essas publicações não são LIS, mas sim uma tentativa de atingir esse público.

Por fim, ainda é válido mencionar a editora Arara Azul, a qual também possui obras produzidas em libras, como histórias clássicas, livros de vestibular e alguns materiais para letramento em libras. Alguns desses materiais são em DVD, mas a qualidade dos vídeos, em relação à Ciranda Cultural, é diferente, pois estes possuem imagens e interações com o público, que promovem um melhor entendimento das obras e podem ser consideradas, aqui, uma forma adequada de LIS.

A partir do exposto, é possível perceber a existência de uma grande variedade de obras destinadas às crianças surdas, apesar de pequena, se comparada às produções destinadas aos ouvintes. Essa variedade se dá pelo tipo de linguagem utilizada ou pela forma como a surdez é tratada. Aqui, reforçamos a ideia proposta no início deste trabalho, de que as produções mais adequadas foram aquelas que não só trataram a surdez como característica dos indivíduos, mas que optaram pela produção de livros bilíngues em LP e em *SignWriting*. Na próxima seção, discutiremos acerca da LS voltada a adultos.

Literatura Surda Adulta

Diferentemente da LIS, a Literatura Surda Adulta possui poucos registros físicos, e é marcada pela produção em modo visual-gestual em meio à comunidade surda. Segundo Gava (2015)

[o]s primeiros esboços literários destinados à comunidade surda surgem timidamente e são passados de modo visual, sem registros escritos, e os gêneros preferidos

19 LENCINE, S. H. R. *Coleção Pedacinho do Céu*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2

eram as anedotas, piadas e histórias que retratam as questões de comunicação e aceitabilidade do surdo junto à sociedade ouvinte. (2015, p. 61-62, grifo nosso).

A autora ainda afirma que, com a evolução da tecnologia, novas possibilidades de produção literária à comunidade surda surgiram, como gravação de materiais, ou publicação de livros específicos a surdos, mas como veremos nesta seção, a produção física a esse público ainda é escassa.

Nas últimas décadas, o gênero que tem ganhado grande destaque tanto na educação básica quanto no meio acadêmico com as dissertações de mestrado e teses de doutorado é o da poesia em libras. Quadros (2019) afirma que as poesias em libras possuem características únicas, como combinações de ideias com formas de sinais únicas, as quais se aproximam da arte performática e são muito valorizadas pela comunidade surda, pois elas apresentam as singularidades da língua. De acordo com a autora, Klima e Bellugi (1976) foram os precursores na análise das produções criativas nas línguas de sinais. Os autores notaram que nas produções poéticas da *American Sign Language* (ASL) havia o que eles chamam de “sinal-arte”, que é um jogo de sinais, além de duas estruturas na composição dos poemas: a convencional e a individual.

Na primeira, eles se referem às composições métricas que incluem as mãos, a harmonia nos movimentos e as escolhas da composição dos parâmetros das línguas de sinais[...]. Já o segundo tipo, individual, indica as estruturas específicas de poemas, que envolvem o desenho no espaço e a harmonização rítmica e temporal da composição de sinais, uma espécie de melodia visual-espacial. (QUADROS, 2019, p. 128)

Quadros (2019) ainda afirma que além das características citadas acima, o antropomorfismo (incorporação de atributos humanos às entidades não-humanas), também está presente nas produções literárias, uma vez que ele é capaz de despertar fortes emoções ao evocar sentimentos propostos pelos poetas. Essa característica pode ser observada nos sinais pela incorporação de algo que torna-se uma performance, como acontece, por exemplo, em produções de SLAM do corpo, uma batalha de poesias em libras ou LP, que acontece no Brasil desde 2014. O SLAM do corpo, conforme apresentado no site do movimento, foi criado por um grupo de pesquisadores surdos e ouvintes, interessados na produção de arte através da libras, e foi inspirado no *poetry slam*, batalha de poesias orais que surgiu na década de 80 nos Estados

Unidos, e que visa a produção e apresentação de poesias autorais que apresentem urgências do eu-lírico. Esse tipo de encontro, por exemplo, realça as características da poesia surda adulta e mostra, também, a integração entre comunidade surda e ouvinte²⁰.

Apesar do exposto, Sutton–Spence (2021) afirma que a poesia em libras tem crescido de maneira rápida, mas que ainda não está bem delimitada, e isso se dá por alguns fatores como afirmar se um determinado texto é um poema ou não, e o fato de alguns artistas não se basearem numa tradição poética, criando assim um estilo único. Segundo a autora, há uma parcela de gêneros de poesia em libras oriundos do folclore surdo e outra de tradições poéticas tanto da cultura ouvinte, quanto da cultura surda estrangeira. Na libras há poemas traduzidos da LP ou de outra língua de sinais que são traduzidos por ouvintes ou por poetas surdos bilíngues - essa heterogeneidade torna o gênero de difícil delimitação e caracterização.

Retomando a ideia de produção escassa de materiais físicos destinados aos adultos, citamos, novamente, Quadros (2019), que afirma que, com os avanços tecnológicos e com a Internet, os poemas passaram a ser gravados com mais frequência, uma vez que o compartilhamento acaba sendo facilitado, ora pela democratização do acesso, ora pela presença das redes sociais, as quais auxiliam na disseminação do conteúdo. Entretanto, mesmo com a rapidez, fácil acesso e outras vantagens que a Internet traz, as obras impressas definitivamente não devem ser deixadas de lado.

Os registros impressos oferecem, de alguma forma, o reconhecimento da libras como língua e da LS, por registrarem esse tipo de produção, além de mostrarem a possibilidade de escrita das línguas de sinais e, conseqüentemente, reforçarem a presença da libras na sociedade. Para este trabalho, encontramos apenas dois livros impressos: *Poesia para surdo ler*²¹ e *Ser*²². Ambos os livros apresentam *SignWriting* e LP, o que, conforme exposto por Karnopp (2008) é uma forma eficaz para esses tipos de produção. Além disso, o primeiro deles apresenta ilustrações, fato que também é positivo a esse tipo de produção, visto que os surdos comunicam-se através de uma língua visual-gestual. No entanto, o uso de imagens como facilitador da compreensão talvez seja mais eficaz para o público infantil, conforme exposto anteriormente.

20 Mais informações sobre o SLAM do Corpo podem ser encontradas na página do Instagram do grupo de pesquisadores: <https://www.instagram.com/slamdocorpo/>.

21 DIDÓ, A. **Poesia para surdo ler**. Rio Grande do Sul: Conceito, 2022

22 LIMA, K. **SER**. Fortaleza, 2018

A existência desses dois livros é importante para a comunidade surda, e contribuem para o estímulo de mais publicações desse tipo. Entretanto, ambos os livros não só evidenciam a escassez desse tipo de material, como também a escassez de gêneros literários voltados ao público adulto. Nesta subseção, apresentamos o conteúdo literário disponível a adultos, o qual resume-se à poesia. Seria esse o único tipo literário de agrado e interesse da comunidade surda? E quanto aqueles que gostam de romances, de ficção-científica, etc.? E os clássicos da literatura brasileira e literatura estrangeira? Dessa forma, acreditamos que haja a necessidade de criação de LS em outros gêneros literários e, possivelmente, a publicação de obras clássicas, já existentes, em versões bilíngue: *SignWriting* e LP, facilitando, assim, a leitura por parte da comunidade surda e a integração entre surdos e ouvintes.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo discutir e exemplificar, com base em obras impressas já publicadas, a literatura infantil surda e literatura surda adulta. Na LIS, observamos uma série de problemas em algumas obras, como o uso do português sinalizado, textos escritos inteiramente em português sem tradução para a libras, ilustrações pouco expressivas, e até mesmo materiais que são proveitosos apenas para o grupo de surdos implantados, como CD-ROMS com cantigas. Na literatura adulta, encontramos apenas dois livros físicos escritos em *SignWriting* e LP e um único gênero literário: a poesia.

Em contrapartida, também observamos produções da LIS que são muito proveitosas à comunidade surda, como *Cinderela Surda* e *Rapunzel Surda*, por exemplo, que são livros bilíngues, com ilustrações expressivas e histórias com representatividade da comunidade surda, conforme apresentado por Karnopp (2008). Na literatura surda adulta, por sua vez, deparamo-nos inúmeros vídeos na Internet e uma pesquisa que aborda a formação da poesia em línguas de sinais.

Segundo Karnopp (2008), a escrita em *SignWriting* além de ser o registro da literatura surda, viabiliza a circulação em diferentes tempos e espaços. Junto a isso, a partir de todas essas observações e análises linguístico-literárias, propusemos, neste trabalho, que obras bilíngues seriam o melhor tipo de produção, por uma série de fatores: (I) as obras bilíngues têm um maior alcance no número de leitores ao abarcar a comunidade surda e a ouvinte também; (II) ao trazer

o contato com as duas línguas, as obras bilíngues aumentam o desenvolvimento cognitivo de surdos; (III) elas auxiliam no processo de alfabetização do surdo em língua portuguesa, uma vez que eles terão contato não só com o *SignWriting*, mas também com a LP; (IV) A contação da história em línguas de sinais é facilitada com a escrita em *SignWriting*; (V) é mais fácil traduzir a cultura surda para o ouvinte com o livro escrito também em LP; e (VI) um livro escrito em *SignWriting* pode despertar curiosidade e interesse de um ouvinte que não conhece a comunidade surda.

Evidentemente, ainda há muito o que se fazer para intensificar o número de produções literárias surdas e aumentar a qualidade desses materiais. Há ainda muitas perguntas que precisam ser respondidas acerca do assunto, e muitas pesquisas que precisam ser realizadas na área. Quais são os impactos de obras bilíngues à comunidade surda? Por que a poesia é o gênero mais produzido? Essas são algumas das perguntas que permeiam os estudos acerca da LS e que precisam de respostas mais exatas e estudos mais concretos para que possamos, em um futuro próximo, intensificar e melhorar esse tipo de produção literária.

Referências

BRASIL. *Lei* nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 5 mai. 2023.

CANDIDO, A. “Direito à literatura”. In: _____. *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 169-191.

CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. D. TEMOTEO, J.G., MARTINS, A.C. Dicionário da língua de sinais brasileira: A libras em suas mãos – Libras. v. I, II e III. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Imprensa Oficial do Estado. 2017.

DEHAENE, S. *Reading in the brain*. Nova Iorque: Viking USA, 2009.

DEHAENE, S. *How we learn*. Nova Iorque: Penquin Books, 2021.

DIDÓ, A. *Poesia para surdo ler*. Rio Grande do Sul: Conceito, 2022.

FERREIRA BRITO, L. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB. *Espaço: Informativo Técnico-Científico do INES*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p.20-43, 1990.

FINGER, I.; BRENTANO, L.; FONTES, A. “Neurociências, Psicolinguística e aprendizagem de línguas adicionais: um diálogo necessário no contexto da Educação do século 21”. In: MAIA, M. (org.). *Psicolinguística e Educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2018.

GAVA, A. Breves considerações sobre a literatura surda. *Acta Semiotica et Lingvistica*, Cuiabá, v. 20, n. 2, p. 61-76, 2015.

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa?* São Paulo: Parábola Editorial, 2009

HERSCHENSOHN, J. *The second time around: minimalism and L2 acquisition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2000.

HONORA, M. *Família sol, lá, si*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. *Coleção contos clássicos em libras*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

KARNOPP, L. Literatura Surda. *ETD Educação temática Digital*, Campinas. v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006.

KARNOPP, L. *Literatura Surda*. UFSC: Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância, 2008.

KARNOPP, L. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel*. Pelotas, p. 155-174, maio/agosto, 2010.

KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. (orgs.). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Editora ULBRA, 2013.

KARNOPP, L.; ROSA, F. *Adão e Eva*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

KARNOPP, L.; ROSA, F. *Patinho Surdo*. Canoas: Editora ULBRA, 2005.

KUCHENBECKER, L. G. *O Feijãozinho Surdo*. Canoas: Editora ULBRA, 2009.

Libras. Disponível em <<https://www.libras.com.br/>>. Acesso em 25 maio 2023.

LENCINE, S. *Coleção Pedacinho do Céu*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

LIMA, K. *SER*. Fortaleza, 2018.

MAIA, J. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARCELINO, Marcello. Aquisição de segunda língua e bilinguismo. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. XXXV, p. 38-67, 2017.

- MARCELINO, M. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. *Revista Intercâmbio*, v. XIX, p. 1-22, 2009.
- NICHOLS, G. *A literatura surda além da língua de sinais*. 2016. 184 f. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PAULA, L. S. B. *Óculos de ouvido*. São Paulo: Editora RHJ, 2009.
- QUADROS, R. *LIBRAS*. São Paulo: Editora Parábola, 2019.
- QUADROS, R. *Um capítulo da história do SignWriting*. 1999. Disponível em: <<https://www.signwriting.org/>>. Acesso em 20 maio 2023.
- QUADROS, R; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. *Aquisição da língua de sinais*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.
- SILVA, A.; COSTA, E.; BÓZOLI, D.; GUMIERO, D. Os sistemas de escrita de sinais no Brasil. *Revista Virtual de Cultura Surda*. Petrópolis, n. 23, mai. 2018.
- SILVA, S. Consequências da Aquisição Tardia da Língua Brasileira de Sinais na Compreensão Leitora da Língua Portuguesa, como Segunda Língua, em Sujeitos Surdos. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 21, n. 2, p. 275-288, 2015
- SILVEIRA, C.; KARNOPP, L.; ROSA, F. *Cinderela Surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003.
- SILVEIRA, C.; KARNOPP, L.; ROSA, F. *Rapunzel Surda*. Canoas: Editora ULBRA, 2003.
- SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2016.
- SLABAKOVA, R. *Second Language Acquisition*. New York: Oxford University Press, 2016.
- STUMPT, M. *Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: língua de sinais no papel e no computador*. 2005. 330 f. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SUTTON-SPENCE, R. *Literatura em libras*. Petrópolis, RJ. Editora Arara Azul, 2021.
- WANDERLEY, D. *Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos de educação básica e de universitários surdos e ouvintes*. 2012. 192 f. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

DEAF LITERATURE: A LINGUISTIC-LITERARY APPROACH

ABSTRACT: Deaf literature is a recent and still relatively unexplored topic in academic circles. In order to contribute to the existing discussions on this subject (KARNOPP, 2006, 2008, 2010; NICHOLS, 2016; QUADROS, 1999, 2004, 2019), this study aims to present possibilities for deaf literature production through a linguistic-literary approach. Based on the bibliographical review of academic productions about deaf literature and about the cognitive benefits on the development of two languages (FINGER; BRENTANO; FONTES, 2018; MARCELINO, 2017; DEHAENE, 2009; 2021), as well as on the reading of classical productions of Deaf Children's Literature (LIS) and Deaf Adult Literature, we propose in this article, in agreement with Karnopp (2008), that deaf literary productions written in SignWriting (written version of sign languages) and in Portuguese can bring several benefits to the deaf community, as they provide contact with the Portuguese language in written form and with Libras, therefore, generating cognitive benefits for the development of deaf people, and greater interactions between the deaf community and the hearing community.

KEYWORDS: Libras, Deaf literature, Children's deaf literature, Bilingual education, SignWriting.